

O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAS.

Editor e proprietario A. Azevedo.

ANNO I.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se a 25000 por trimestre, na typographia do Paiz, Largo do Palacio n. 17.

NUMERO 33.

O DOMINGO.

MARANHÃO, 6 DE OUTUBRO DE 1872.

MARIETA.

PAGINAS D'UM LIVRO.

À Antonio Mello.

Vem do n. 33.

VI

Eram elles! os meus amigos! foi a minha primeira supposição.

Não me enganai.

Todos entram; e com a semceremonia proverbial em casa de rapazes, cada um procura logo onde assentar-se, seja n'uma cadeira, n'um bahu, ou n'uma rede.

Todos querem desabafar ao mesmo tempo e fallam para ali... que Deus nos acuda! Reina não pequena confusão.

—Perdeu a aposta! gritava um.

—Está apaixonado! murmurava outro.

—Bem dizia-nos o capitão! fallava um terceiro.

Eu apenas conservava-me silencioso e algum tanto enfiado.

Um d'elles, porém, o meu mais affeigado, durante toda esta algasarra, se tinha assentado junto à mezinha e ali remechia involuntariamente os meus papeis; quiz censural-o acrememente por semelhante proceder, porém no mesmo momento em que eu ia fallar, elle quebrou o pequeno silencio que então reinava, fallando assim:

—Meus amigos, tendes dirigido ao nosso collega gracejos taes, que eu reputo bastante inconvenientes. Se, porém, estão todos dispostos a me ouvir, eu vou mostrar-me tal qual sou, fallando agora com toda a minha franquesa.

—Oh! pois não!

—Essa é boa!

—Com todo o gosto!

—Falla! todos vamos ouvir-te! avancei eu cecioso.

—Distribuiu-se hoje o jornal e eu que não o leio pela unica razão de ser politico, correndo machinalmente os olhos pelas suas compridas columnas, deparei com uma poesia... digo mal com a primeira parte de um poema do nosso bom amigo, que ali está!...

E me indicava aos demais companheiros.

—...Li a ou devorei-a, não sei ao certo o que fiz então... lembrei-me da nossa aposta, mas um titulo tão vago... bem podia ser um capricho de sua phantasia...

—O que eu asseverei a vocês todos; interrompi já um tanto animado.

E elle continuou:

—Sendo assim, entendo que o nosso dever de amigos era em primeiro lugar dar-lhe os parabens... e depois o tempo tudo nos contaria. E' ou não é? acham ou não razoavel?

—Muito razoavel; e cumprimental-o mesmo foi o que no *Hotel* propuzemos vir fazer disse um.

E ali houve logo nova revolução com o tal negocio de cumprimentos. Tu, Tona, creio que me poupas ao trabalho de te descrever esta scena, mesmo porque oppõe-se um tanto ás imposições de nossa *modestia*.

—Mas eu ainda não acabei, continuou elle;— quiz apenas que vocês se convencessem da minha franquesa. Tendo ganho o terreno que eu desejava, permittam que volte sobre os meus primeiros passos e seja incoherente ao menos uma vez...

Todos olharam-se desconfiados e começaram a esperar naturalmente por uma *pilha*; eu tive um não sei que que me fez empallidacez repentina e involuntariamente.

Tinha desconfiado da gravidade d'aquellas palavras, d'aquelle accento prognostico, qualidades muito raras em rapazes do seculo XIX.

E não me enganai, porque elle continuou assim:

—Ainda ha pouco disse que o ultimo trabalho do nosso collega era talvez um capricho da sua phantasia... Algum de vocês cre' n'estes caprichos? Eu já irri hoje, infelizmente, ainda que quizesse crer não o podia, não podia acobertar o nosso amigo das arguições que vocês lhe fazem; aqui está o corpo de delicto...

E tirava de dentro da pasta uma tira de papel, onde estava escripto o seguinte:

II.

Qual a linda mariposa,
Que queima as azas na luz,
E que jamais ás manehara
Nos enlodados paes;
Tal eu me sinto abrazado
Pelos teus olhos... Jesus!

Qual a linda mariposa
Que queima as azas na luz!

Marieta! Marieta,
Lilá do jardim de Deus!
Oh! deixa, deixa abraçar-me
Na chama dos olhos teus,
Marieta! Marieta,
Lilá do jardim de Deus!

Deixa voar pelo mundo
O meu balé d'illusões;
Se um dia o vires perdido
N'um temporal de paixões,
Dá-lhe um porto bonancoso,
Põe-lh' a alga dos tufões;
Mas deixa voar no mundo
O meu balé d'illusões!

Marieta! Marieta,
Estrella d'almo fulgor!
Sê do mara esperancoso
Grato porto salvador,
Marieta! Marieta,
Estrella d'almo fulgor!

Como a açucena inclinada
Sobre o seu fragil hastil,
Cede ás iras, ao despeito
Dos euros fortes d'abril;
Minh'alma é flor que mendiga
Perfumo á brisa subtil,
Como a açucena inclinada
Sobre o seu fragil hastil!

Marieta! Marieta,
Do céo gentil creação,
Dá perfume, á flor que morre,
No caule do coração,
Marieta! Marieta,
Do céo gentil creação!

Acabada a leitura, que era a cada passo interrompida, eu entendi que devia desabafar.

Fil-o unicamente com as seguintes palavras:

—Não nego! estou apaixonado como dizem; será um crime?... perdi a aposta; hei de cumprir com a minha palavra... cumpram vocês com a sua...

Um *bravo* geral ecoou na sala.

D'ahi a pouco sabíamos todos.

(Continúa.)

Lina Baratta.

BIBLIOGRAPHIA.

(Vid. o n. 24.)

Na minha opinião a poesia seguinte—*Supplica*,—é a mais linda do album.

O emprego dos exdruxtos foi feito com muita arte: este verso difficil—, essencialmente portuguez, e que muita gente não sabe apreciar, foi bem comprehendido pelo autor da *Supplica*. Não

me posso furtar ao desejo de transcrever aqui alguns versos para melhor recommendal-a:

Captivou-me esse dom! Té hoje incólume
Dos que amor faz gozar, doces effluvios,
Seu nada ter sentido,
Não posso reprimir o affecto indómito,
Nem calar por mais tempo o grito intimo:
—Confesso-me rendido!

Oh! meu anjo de amor, imagem púdica
Dos magos cherubins, que o solio ethéreo,
Habitam do Senhor!
Abre o teu seio virginal aos zephyros,
Manda-me nelles pressurosa um átomo
Sequer, do teu amor!

Deixa que eu possa n'um viver poético,
Fundo do mundo que eu detesto, cynico,
Somente em ti pensar!
Oh! deixa-me alentar a esp'rança fervida
De virmos inda a ser um'alma unica
Um dia aos pés do altar!

Desculpem-me os demais collaboradores do interessante livrinho a preferencia que douao—supplicante amoroso.

Segue-se uma elegante traducção de—*La Jeune Captive*—de André Chenier: encerra muita poesia, ternura e fidelidade.

A *Caridade*—são tres lindas oitavas distribuidas no hospital portuguez;—*E' já tarde, mulher*—vulgaridade poetica.

Segue-se uma traducção do—*Singe qui montre la lanterne magique*—, de Florian. E' a primeira poesia humoristica do livro e está traduzida com muita arte.

Depois de um—*Soneto*—sentimental, oito quintilhas intituladas—*A uma folha de cravo*,—e—*Eras tu?*—ternas oitavas, que descrevem um sonho de encantos e de mysterios.

D'—*A folha*—de Arnault—apresenta-se uma traducção: exprime perfeitamente o pensamento do poeta francez; lamento, porem, que—com mais uma dóze de paciencia—não seguisse o traductor nos dois ultimos versos o mesmo metro que sustentou nos precedentes.

—*Eu via-a*—suaves sextilhas que assim terminam:

Eu bem sei, porem não digo
No que ella estava a pensar!
Ai, quantas vezes—amor—
Me tem feito assim scismar!

—Eu bem sei, porem não digo
No que ella estava a pensar!

Segue-se—*Hontem*—e—*Manhã d'amor*—, versos sentimentaes e dignos de menção.

Fechô por hoje o meu artigo, recommendando mais um *Soneto* de consoantes forçadas—trabalho digno de ler-se e que ahí vai transcripto para mais plena recommendação:

SONETO.

Entrando no meu quarto, a porta tran...co,
E eis-me a fazer versos com affia...co;
Mas chega um *diabo*, e abre o trin...co
Quando eu concertava um verso man...co!

Não sei aonde estou, que o não desan...co;
Pois—distrahido se co as musas brin...co,
Tenha embôra já feito quatro, ou cin...co,
Dos versos á torrente o curso estan...co.

Foi-se a inspiração—tornei-me brôn...co;
Então, pennas, papel, irado tran...co,
E de rava saltei horrendo rôn...co;

Co'o rasgado papel a casa jun...co,
E erguendo-me—duro como um trin...co,
Dois murros lh'arrumei no bôque adun...co.

(*Continúa*).

A. AZEVEDO.

A canção da Coveiro.

BALADA

Nesta humilde sepultura
uma moça se enterrou
de mui rara formosura;
e, pelos seus atractivos,
á numerosos captivos
antes de morta, matou...

Foi amada, e loucamente
por alguém, que a mereceu;
mas ella—estonvadamente—
por outro prostituida,
em vida louca e perdida,
o pobre moço esqueceu.

E visitou lapanares,
vendendo o corpo n'orgia
nos mais nojentos lugares...
Já seu fim se aproximava:
á noite—si se matava,
se lamentava—de dia...

Por todos abandonado
em miseravel enxerga
n'um hospital, a coitada
—arrependida—já agora
desvaira, delira e chora
olhando o corpo, que verga!

Tem uma pobre enfermeira
—matrona caritativa—
por amiga derradeira;
mesmo de ter uma imagem
na mortuaria paragem
a sua sorte lhe priva!

Então se lembra do moço,
que tanto a prezára outr'ora;
cabe de pranto um fio grosso
no regaço da matrona,
que pasma, vendo que a dona
daquelles olhos já chora...

Da confissão o momento
é chegado. Um padre entrou
no esqualido aposento
aonde a miséria abunda,
e— ao ver a moribunda—
ficou immovel, corou!

E o pranto em borbotões—
dos olhos languês—fugio;
se lhe alteraram as feições;
chegou-se junto do leito,
sorriu se tão contrafeito
e—de joelhos—cabio!

Ella foi reconhecêl-o
com um esforço inaudito,
foi afastar-lhe o cabelo,
e ajoelhando no leito,
deixou calibr para o peito
um rosto que foi bonito...

E disse ella:—«Perdi
neste solemne momento...
Tu'alma—que se condôa
da minha, tão corrompida...
Perdi a prostituida,
estrella sem firmamento.—»

Responde o padre:—«Senhora,
á quem pedis compaixão?
se vos amei, foi outr'ora,
hoje só sinto no peito
d'uma saudade o effeito;
mas—se vos serve,—perdiõ...

Ou foi loucura ou delirio
si amar-vos pretendi,
foi a sede do martyrio,
foi maldição de momento,
foi a voz do soffrimento
que no meu peito senti!

E a prostituta morria,
—tendo o olhar turvo—fixo

naquelle padre que a via;
inda o pranto derramou
com abundancia, e expirou
abraçada ao crucifixo. . .

E o rei do dia formoso
por uma fresta sombria,
naquelle quadro choroso
dava em cheio. Um perdão
— nessa angusta occasião
da voz de Deus, dir-se-hia!

E do padre, do rapaz
que despresara, — Jesus! —,
por entre verdes rosas,
logrou o corpo da impura
no adro — uma sepultura,
na sepultura, uma cruz!

A. A.

CHRONICA.

Abraço as ideias do meu *collegunha* Domingos e suprimo tambem os meus tres pingos.

A semana começou pelo theatro. Anunciaram uma funcção de prestidigitacão e *bonfenerie*; o publico receiava um acontecimento semelhante ao de Samsão, — no templo dos Phelisteus: tinha medo que o tecto do S. Luiz, vergado á força de annos e de ferrós velhos, — desabasse, o que resultou: uma enchente. . . *imperial*.

Não fui ao espectáculo: foi uma falta imperdoavel, porque sou chronista, não é verdade?

Para dar noticia delle, esperei os jornaes *Publicador* e *Paiz*, para basear nas suas a minha noticia.

Diz o primeiro que o Sr. Faure Nicolay *não passa de um prestigitador de segunda ordem*, o que andou mal; o *Paiz* — pela contrario — mais generoso e menos exigente, sustenta que o homem é merecedor da fama bombastica que o acompanha.

Eu, querendo deduzir das informações dos douts acreditados periodicos a minha opinião, acreditando n'um e n'outro, devia dizer que o Sr. Nicolay é um *porco limpo*, *não faz nada que preste, porém scullime*, etc.; informando-me, porém, com o povo, que é o juiz mais recto que ha, disse-me a opinião publica que posso afirmar aos leitores que o Sr. Faure é um *porco sujo*, sem medo que me venha contestar algum juiz de defuntos e ausentes!

No entanto a *Cigarra*, jornal de Pernambuco, tocou alguns elogios de arromba ao nosso ex-hospede. Vou transcrevel-os; não quiz fazel-o durante a sua estada aqui, porque temi *offender-lhe a modestia*.

Lá vae:

— Faure Nicolay é um magico... um magico!!

Em escamotagem ninguem o igual! diz-se que depois de

escamotear muito e bem no theatro do *Nozes Junior* (vulgo commendador Coimbra) quiz tambem escamotear o proprio theatro; não o podendo conseguir operou uma ligeireza de mão e outra de pernas; com a primeira alpardou o aluguel do theatro, deixando a empresa Vicente e Bahia a ver navios; com a segunda lateu a linda plumagem e...? raspou-se no americano.

.....
Quem foi ao circo na segunda-feira 2 de setembro?
Magnifico espectáculo! *Faure Nicolay* esteve sullime!
A melhor sorte que fez foi incontestavelmente a de ter embarcado para a America dois dias antes do espectáculo!
Que magico!

.....
Quanto aos mais *artistas* diz o povo:
Mr. Gauthier tem voz extensa, agradável e faz rir.
Mille Leonie é *daquellas*, e quiz transformar o velho trombudo e sensato theatro maranhense em alcazar.
A' fallar em *francezas*, lembrei-me agora do José Pequeno, e de recomendar aos leitores e leitoras do *«Domingo»* a nova loja de fazendas que acaba de estabelecer á rua do Sol, onde esteve o Sr. Lobo.

Denominou — a *Jardim das Maranhenses* e promete vender barato para adquerir freguezia.

Qual das nossas sympathicas leitoras não conheca o José Pequeno, o estroina mais sympathico que Raphael e mais activo que o Sr. Tiburcio? Pois elle lá está — enfiando agulhas por alfinetes, que é um louvar a Deus.

Ha dois dias começou a novena de N. S. dos Remedios, a festa da moda e que nunca envelhece, como disse um chistoso folhetinista — Pietro de Castellamara.

É uma occasião propicia para proteger o José Pequeno, que bem o merece.

O povo e os bonds estão animadissimos.

O Souza venceu a questião! Então só mestre marceneiro, pagou ou não pagou? pagou: se não tivesse pago não pagava; mas enfim... pagou... .

Ah! esquecia-me dar a seis collaboradores deste jornal um recado do redactor.

Imaginem os demais leitores que recebem a redacção seis glizas do motto

Eu queria, ella queria, etc.:

publical-os todos seria *reducão*, preferir um e regoitar o outro — *grosseiro*, e não publicar nenhum, *conveniente*; portanto o redactor, dos tres adjectivos que ahí deixo em grifho, escolheu o terceiro, por ser o mais sympathico a manda pedir muitas desculpas aos poetas.

Mandem outra cousa.

Até...

EXPEDIENTE.

A redacção do *Domingo* agradece á da *Voz das Ermos*, interessante periodico pyaubiense, que se dedica á litteratura, a remessa que lhe fez do 1.º número do seu jornal.

O *Domingo* ser-lhe-ha retribuido.

Elog, o heróe

• Quando vae muita gente ao espectáculo, diz-se: *houve enchente real*; em caso contrario acho acertado o termo — *enchente imperial*.